
La Ludibriosa: um passeio de bike-som guiado pela fenomenologia sociológica de Alfred Schütz¹

Bianca Conde LEÃO²
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este artigo é um passeio com inspirações etnográficas ao longo do primeiro ano de existência de La Ludibriosa, a bicicleta sonora do Núcleo de Artes como Imanências em Saúde da Universidade Federal do Pará (Naris/UFGPA). A fenomenologia sociológica de Alfred Schütz indicará o caminho por meio dos conceitos de experiência social, intersubjetividade, socialidade e ação social. Para percorrer esse trajeto, foi utilizada a observação participante uma vez que a autora integrou o Naris (coletivo Trupe da Procura) como voluntária. Sob um enfoque qualitativo, a rota deste artigo igualmente é delineada pela coleta de relatos de experiências e entrevistas semiestruturadas em profundidade. Além das entrevistas e do conhecimento empírico, foram utilizados documentos, publicações, trabalhos científicos, reportagens e registros das ações realizadas pela Trupe, além de fontes bibliográficas.

PALAVRAS-CHAVE: culturas populares; cidadania; políticas de corpo; intersubjetividade; socialidade.

APRESENTAÇÃO

Antes de subir na bicicleta, é válida uma breve apresentação. Uma bike-som pode ser definida de forma resumida como uma bicicleta com uma caixa de som acoplada. Populares em bairros periféricos e nas feiras de Belém (e em alguns municípios paraenses), elas costumam ser manejadas por pessoas que colocam músicas para tocar em suas caixas de som e fazem a divulgação de festas, eventos, produtos e serviços. Entre os mais antigos condutores de bicicletas sonoras em Belém está Denilson Pantoja, conhecido como DJ Djavan. Ele alega ter criado e patenteado a bike-som como “bike elétrica” há cerca de 10 anos. Porém, em Recife, o pernambucano Luis Cândido Amorim, conhecido como Lula, também afirma ter criado a “Anuncicleta” há 15 anos com o objetivo de reduzir os custos com serviço de carro de som para anúncios de seu comércio (MACIEL

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (Ppgcom- UFGPA), e-mail: biancacleao@gmail.com.

et. al., 2006). É difícil precisar em que cidade e quando surgiram as bicicletas sonoras. Por serem criações populares, é possível até mesmo que tenham sido feitas em cidades diferentes sem que uma localidade tenha influenciado a outra. Seria necessária uma pesquisa rigorosa em território nacional para descobrir o primeiro registro sobre uma bike-som. Contudo, nosso passeio não inclui visitas aos locais e momentos em que elas foram criadas. Em outras palavras, não vamos nos ater à questão da criação neste artigo. Seguiremos com a apresentação de La Ludibriosa.



Figura 1: Foto da Bike-Som. Fonte: Caroline Maciel.

1. Subindo na Ludibriosa

Também chamada de Bike-Sonhos, La Luciferosa, ou, simplesmente, Ludi, os nomes da bicicleta sonora do Naris evocam ideias como engano, deboche, jogo, brincadeira (do latim *ludus*), a que traz luz (referência a Lúcifer), além de trazer referências ao onírico.

O *símbolo*, em Schutz, “...pode ser definido como uma referência de apresentação de ordem superior na qual o membro do par que apresenta é um objeto, fato ou evento da realidade de nossa vida cotidiana, enquanto o outro membro do par, que é apresentado, se refere a uma ideia que transcende nossa experiência da vida cotidiana” (SCHUTZ,

1979, p. 243). O autor explica que o mundo social transcende a vida diária, uma vez que o mundo já existia antes de nosso nascimento e continuará a existir depois de nossa morte. Não é possível conhecer a essência da ordem da Natureza e do Social, contudo, elas se revelam em imagens por meio de apreensão analógica. (SCHUTZ, 1979, p. 241-3). É por meio da criação de símbolos que os sistemas socialmente aprovados oferecem respostas às inquietações de transcendências desconhecidas.

Para o ator de rua, médico e palhaço Vitor Nina de Lima, um dos idealizadores da Bike-Sonhos, ela é um palco aberto e traz à tona um elemento circense conhecido como teatro de variedades.

A bike-som acabou sendo uma construção coletiva que tem várias camadas de coisas cênicas, que vão sendo compostas. A ideia vem da vivência no Ver-o-Peso. Estava em um embate sobre como intervir naquele espaço, até que um dia eu ví o Bacalhau [Laércio Santos, conhecido como DJ Bacalhau], que hoje é um amigo nosso, padrinho da bike-som. Vi o Bacalhau intervindo na feira, cantando uma música de corno, chorando e vendendo CD. A feira inteira girava ao redor dele. [...] Joguei pro coletivo e a gente começou a imaginar o que seria essa Bike-Sonhos surgindo, esse emaranhado de linguagens, a linguagem circense, a poesia, a quebra do cotidiano a partir da música.³(Informação verbal. Entrevistado Vitor Nina de Lima).

Além das referências citadas por Vitor, as cores e desenhos igualmente agregam elementos simbólicos. O uso do verde em contraste com o laranja, bem como as luzes, reportam à psicodélicodelia, como expressões livres da mente. O desenho feito em grafite, feito por Lucas dos Passos, é uma adaptação de “O Sonhador”, um auto-retrato do artista. A escolha do verde, popularmente conhecido como a cor da esperança, segundo ele, evoca tanto relação com a floresta amazônica, como ao *Método Perypatético* (PASSOS, 2016) e a ideia de *aprender andando*.

Peripatético como os discípulos de Aristóteles, um dos fundadores da filosofia ocidental. Mas, para além disso, é preciso grafar com ‘y’ para reclamar a herança tupi, continuar percorrendo um caminho de ciência e saber que se aproprie das tradições europeias mas não diminua a nossa própria, distinta epistemologicamente, carregando o símbolo do Caboco Pery, médium curador presente nos cultos de Umbanda.

³ Entrevista gravada concedida pelo entrevistado no dia 21 de julho de 2016

Assim, La Ludibriosa traz uma miscelânea de referências diversas, como ao atual cotidiano da cidade de Belém, às tradições do teatro de rua, às lendas amazônicas, dentre outras, buscando proporcionar uma experiência na interface entre arte, cultura e educação popular.

2. As pedaladas da Ludibriosa em busca de uma experiência sensível da cidade

Ao relatarem suas experiências de pedaladas com La Ludibriosa, os palhaços e atores de rua Wanderson Carvalho (palhaço Ninho) e Carlos Henrique (Carlos Palhaço) mostraram um novo olhar sobre a cidade. Mas antes de falar mais sobre esse novo olhar, focaremos em alguns conceitos schutzianos.

Schütz, ao trazer o conceito de *experiência*, afirma que ela se forma por meio de recorrentes processos de sínteses mentais. Por meio desses processos é que os indivíduos apreendem e constituem suas reservas de sentido (CASTRO, 2012, p. 58). Sendo um processo subjetivo, a experiência antecede a *ação*, não sendo ela mesma dotada de intencionalidade, mas desenvolvida na duração, ou seja, em uma total dispersão do mundo (CASTRO, 2012, p.57). Ao passar de um estado de duração para o de *consciência*, o sujeito apreende e processa objetos de sua própria experiência (CASTRO, 2012, p. 56). Ao falar sobre a dimensão da ação, Schutz define como *ação* todo comportamento motivado por intenção, relacionado pelo indivíduo a uma dimensão subjetiva (CASTRO, 2012, p. 57). Dentre as características da ação enumeradas pelo autor está a *socialidade*, entendida como o poder de interação e articulação entre mentes na consecução da *ação*. E é na ação social que se consolida a experiência da *intersubjetividade*. (CASTRO, 2012, p. 58-9).

Para Wanderson, a Bike-Sonhos provoca uma mudança na *experiência* cotidiana da cidade ao quebrar a expectativa pelas músicas de massas. Em seu depoimento, ele afirma:

Pirei na ideia de sair do lugar comum sem deixar de atrair o popular. Minha relação com a cidade mudou. Já tinha o contato com a bike (bicicleta não sonora) e não dependia de ônibus. A Bike-Som traz o povo para perto. Por onde ela passava, senhoras passavam, dançavam. Parou uma vez um Camaro amarelo ao meu lado e um cara ‘poderoso’. Olhei para ele e não me senti intimidado. Me senti tão ou mais poderoso que ele. Eu estava chamando mais atenção que ele. Eu estava tocando um Tim Maia. (Informação verbal. Entrevistado Wanderson Carvalho)⁴.

⁴ Entrevista gravada concedida pelo entrevistado no dia 21 de julho de 2016

Wanderson descreve a experiência de estar em uma bike-som como uma forma de empoderamento, a ideia de estar na cidade de forma diferenciada pela atração popular que a presença da Ludibriosa provoca. Para Carlos, a bike-som é um veículo “que encurta o caminho” entre eles e as pessoas, ou, em outras palavras, que torna possível a experiência da *intersubjetividade*:

Todo veículo de comunicação é muito importante, ainda mais pra gente que trabalha com redução de danos, com riso terapia. Ela encurta o caminho entre a gente e as pessoas. A Ludibriosa não só mudou a minha relação com a cidade, mas com a minha vida, com as pessoas. Houve uma aproximação, as pessoas perguntam se eu faço propaganda. É sempre bom estar na presença de outras pessoas, outros projetos. Há muito tempo estou no Ver-o-Peso. Conheço, tanto gente boa, quanto ruim, tanto trabalhador, quando viciado, alcoólatra. [...] A música é muito emocionante. Dançar, cantar pular,... Tem pessoas que são muito tímidas, mas quando chega lá e liga o som, ela solta aquele Jorge Lafond dentro dela. (Informação verbal. Entrevistado Carlos Henrique)⁵.

Carlos ressalta a possibilidade de aproximação com os transeuntes como algo benéfico tanto para ele mesmo quanto para as pessoas. Segundo ele, a música oriunda da bicicleta é capaz de alterar o comportamento das pessoas de forma positiva e promover um inusitado contato com uma forma de arte.

A *posteriori*, a experiência do corpo na cidade proporcionada por La Ludibriosa aproxima-se do conceito schutziano de *reflexão* e, conseqüentemente, com a produção de novos sentidos, na medida em que se estabelece uma conexão entre a bike-som e os debates em torno da saúde. Para o Schutz, a reflexão é um ato criativo.

Significa a modificação da impressão original (Ur-Impression) de um momento determinado pela rememoração (Wiedererinnerung, Reproduktion) de um momento conjectural, presente na duração do indivíduo. Ou seja, evocação de momentos equivalentes, de experiências anteriores, capazes de interferir, completando ou avaliando, a situação presente (CASTRO, 2012, p. 56).

Uma vez que são primordiais para o funcionamento da sociedade e para o exercício da cidadania, a experiência da bike-som busca ser também uma experiência de promoção da saúde fora da lógica biomédica por meio da arte, do afeto e da comunicação:

A saúde, portanto, não é a ausência de doença e, deste modo, amplia-se o olhar da saúde sobre as condições de vida da população, quando se deseja ir além da prestação de serviços clínicos-assistenciais. (MATRACA, et al., 2011, p.4128).

⁵ Entrevista gravada concedida pelo entrevistado no dia 21 de julho de 2016

Maffesoli (2009, p.12) aponta a fertilidade das “situações e práticas minúsculas” para a cultura e a civilização contemporâneas ao afirmar que “Toda a vida cotidiana pode ser considerada uma obra de arte”. Essas vivências, que não deixam de estar envoltas por esse espírito do tempo captado por Maffesoli, proporcionam uma experiência sensível da cidade e gera novas percepções. Nas palavras de La Rocca (2015) sobre a relação entre corpo e espaço:

Naturalmente, a variedade e a riqueza estilística da existência contemporânea, como um todo, produzem uma experiência sensível da cidade e de sua vivência. A nossa relação com o espaço é baseada nessa característica sensível, que se concilia com o ambiente: uma espécie de modalidade de sentir e de perceber a cidade e seus espaços a partir da presença dos corpos dos indivíduos” (LA ROCCA, 2015, p. 173).

Essa “experiência sensível da cidade” descrita por La Rocca é uma busca das atividades exercidas pelo Nari por meio da Bike-Sonhos. E é na proposta de diálogo com as populações em vulnerabilidade que este fenômeno desponta como um elemento profícuo para os estudos em Comunicação sob o prisma da sociologia fenomenológica.

3. O respeitável público, a dimensão da ação e o conceito de socialidade

Dentre o respeitável público de La Ludibriosa está a estudante Jaqueline Chaves. Em seu Facebook, ela deixou o seguinte depoimento no dia 7 de abril de 2016:

De repente você acorda com aquela monotonia de todos os dias, acorda muito cedo e tem vontade de dormir um pouco mais, toma um banho rápido, toma o café sem apreciar o momento, pois tudo é consumido tão rápido que cada mastigada que se dá no pão é contada no seu relógio como horas perdidas, pois você está atrasada e pode perder o ônibus... Pega o ônibus lotado e vai em pé, quando consegue sentar agarra rapidamente o seu livro acadêmico e começa a ler ao mesmo tempo em que se ouve música... leitura mecânica, audição mecânica, e de repente tudo parece monótono até o seu bom dia de todos os dias...

Chega ao estágio e mergulha-se novamente em atividades, analisa tudo com calma e atenção, afinal, você lida com vidas, a realidade, apesar de parecer monótona, é dinâmica... Então de repente, se ouve uma música, que inicialmente mais parece um barulho, afinal, você não está “conectada” com o mundo, quer apenas concentração, realizar suas atividades e pronto...então, enquanto se pensa sobre a situação que se está analisando, aquelas músicas, que não se sabe de onde vem, invadem seu ser e lhe retomam a uma outra época... não se lembra em qual momento da vida elas fizeram sentido, mas seu inconsciente começa a ser invadido por sensações boas, por lembranças de algo que não se sabe o que... Você, atualmente, tão burocratizada, formalizada e individualizada, se irrita e vai até a janela do prédio para ver de onde vem aquele barulho, e quando olha para baixo enxerga os seus amigos da Trupe da Pro-Cura, seu coração se enche de felicidade, e tudo vem ao consciente, as músicas, as sensações boas, aquela

vontade do seu corpo entrar em contato com o mundo, dançar ao som daquela melodia, e se libertar de toda a mesmice dos dias... Sem hesitar, você avisa sua coordenadora que precisa sair por um instante, e vai ao encontro daqueles palhaços, destruidores de silêncio, desordeiros que um dia você foi... E ao conversar com eles, e perceber que outras pessoas estavam incomodadas com tudo aquilo, você percebe que isso tudo já não lhe incomoda, que numa manhã inesperada alguns palhaços desordeiros, conseguiram invadir seu mundo e te libertar de tudo aquilo que queria te produzir uma couraça com a vida...Esta manhã vocês transformaram meu dia, e foi ótimo trabalhar ao som de cada história que passei com vocês... Amo vocês seus palhaços....

Em seu relato, Jaqueline compartilha uma experiência de socialidade provocada a partir da intervenção de La Ludibriosa. A jovem afirma que a visão dos “amigos da Trupe da Pro-Cura” suscitou boas memórias e a incentivou a ir ao encontro dos palhaços. Conforme Schütz, a socialidade se constitui por meios de atos comunicativos. “Entretanto, a compreensão da outra pessoa ocorre apenas por meio de apresentação, sendo que todos tem como dadas ‘em presença originária’ apenas as suas próprias experiências”, (SCHUTZ, 1979, p. 161).

É possível ainda analisar a experiência de Jaqueline por meio do conceito de *interação*, definido por Goffman (1999) com ênfase na importância da presença física dos envolvidos. “A interação social pode ser definida, em um sentido estrito, como aquilo que surge unicamente em situações sociais, isto é, em ambientes nos quais dois indivíduos, ou mais, estão fisicamente em presença da resposta de um e do outro” (GOFFMAN, 1999, p. 195). Por analisar as interações que ocorrem nas entidades interacionais de base, como unidades ambulantes e encontros conversacionais, o trabalho do autor pode ser visto como uma base importante para um estudo sobre o Naris. Ao falar sobre os laços diretos que constituem a sociedade e a ordem de interação, Goffman evidencia os discursos heterogêneos e os aspectos imateriais:

Um aspecto importante do conjunto dos face a face é que por eles e só por eles, podemos atribuir uma configuração e um cenário dramáticos a coisas que, de outro modo, não seriam perceptíveis aos nossos sentidos. Através do vestuário, dos gestos, da disposição dos corpos, podemos descrever e representar um discurso heterogêneo e coisas imateriais, partilhando assim, a certeza que têm um sentido para as nossas vidas e não são sombras: acontecimentos marcantes do passado, crenças cosmológicas e posição em relação a elas, ideais relativos a diversas categorias de pessoas e, evidentemente, relações sociais e estruturas muito vastas. Estas concretizações constituem o ponto central das cerimônias (as quais, por sua vez, são englobadas nas ocasiões de celebrações sociais) e é suposto permitirem aos participantes afirmarem a filiação e ligação à sua coletividade e reviver suas crenças profundas. Neste caso, a celebração de uma coletividade é, sem dúvida, a causa

explicita de uma ocasião social, mas ocasião também em que esta coletividade se dá a ver”. (GOFFMAN, 1999, p. 215).

Ora, é por meio do contato que o Naris desenvolve suas frentes de trabalho com a bike-som. Para além da *dramaticidade* possibilitada apenas pela presença física, é por meio da interação que voluntários e comunidade reafirmam e revivem suas crenças. A celebração de uma coletividade é, não só a causa, mas também a materialidade da ocasião social. As atividades buscam na arte a possibilidade prática de transformação das realidades da saúde, seja na formação de profissionais de diferentes áreas, seja nas práticas de saúde dentro e fora das instituições. Além da possibilidade de baixo custo, a arte se adapta a realidades diversas e adversas, contribuindo de forma significativa para a redução das injustiças e criação e fortalecimento de laços de solidariedade e cidadania.

O lúdico surge, portanto, como uma “tecnologia inovadora” (MATRACA et al, 2011, p. 4128). Ao propor o conceito de “dialogia do riso”, Matraca, Jorge e Wimmer (2011) destacam que questões éticas e culturais são fundamentais para a saúde e sugerem o diálogo, o riso, a alegria e a arte da palhaçaria como estratégias de promoção da saúde. Wuo (1999, p.13) reforça a potência transformadora do estado da arte: "O estado da arte pode proporcionar uma mudança na consciência interior, pode transformar - que vem do latim - dar nova forma ou caráter, tomar diferente do que era: mudar, alterar, modificar, transfigurar, metamorfosear a alma, o corpo dos seres e a sua fé”.

Dentre os pilares que sustentam o trabalho do Naris estão Bertolt Brecht, Augusto Boal e Paulo Freire. Ao apresentar a Teoria do Teatro Épico, Brecht vai além das relações inter-humanas individuais e leva em conta as determinantes sociais destas relações. Brecht propõe o esclarecimento do público sobre a necessidade de transformação social e o estímulo às ações transformadoras (ROSENFELD, 2008, p. 148). Inspiradas em Brecht, as atividades do Naris buscam desenvolver uma apreensão crítica da vida, bem como incentivar a ativação política de pessoas em situação de vulnerabilidade. O coletivo, da mesma forma, bebe na fonte da Estética do Oprimido de Boal. “A Estética do Oprimido é uma forma essencial de combater a Invasão dos Cérebros porque coloca o oprimido como protagonista do processo estético, não simples fruidor de arte” (BOAL, 2009, p. 166)⁶. A ideia não é “levar cultura” para pessoas em situação de vulnerabilidade, mas promover um estímulo pedagógico para que busquem seus próprios caminhos. Acredita-

⁶ “Invasão dos Cérebros” entendida como a imposição de um mundo virtual, uma estética fabricada com valores e a partir dos interesses dos donos dos meios de comunicação (BOAL, 2009, p. 148)

se que, por meio dessa estética, é possível reverter o curso do processo de desumanização das pessoas em situação de vulnerabilidade. É ainda nessa perspectiva que a missão do coletivo aproxima-se da educação popular de Paulo Freire. Segundo o autor: “O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em ‘coisas’” (FREIRE, 1981, p.19).

4. Visita ao local de nascimento: O Núcleo de Artes como Imanências em Saúde da Universidade Federal do Pará (Naris/UFPA)

Chegamos próximo ao final do passeio, mas não sem antes visitar o local de origem de La Ludibriosa. Era 2009 quando a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará (Famed/UFPA) preparava suas comemorações de 90 anos de existência. O cenário, porém, não era festivo. A primeira escola médica da Amazônia apresentava problemas estruturais sérios e não conseguia estabelecer satisfatoriamente seu modelo curricular aplicado em 2001. Para melhorar a imagem da Famed junto à comunidade e fazer frente às deficiências da instituição e do sistema de saúde locais, criou-se o Projeto 90 Faces, um Festival de Arte, Cultura e Saúde. O 90 Faces foi uma iniciativa de coletivos do movimento estudantil ligados à saúde, formado por representantes do Diretório Acadêmico de Medicina da UFPA (DAM) e pela International Federation of Medical Students (IFMSA-Brasil), em parceria com a direção da Famed/UFPA (LIMA, 2013). Um dos frutos do 90 Faces foi a criação do Núcleo de Artes como Imanências em Saúde (Naris), projeto de extensão da UFPA do qual a autora deste trabalho foi voluntária por cerca de cinco anos e que motivou a elaboração deste artigo.

O Naris era composto por uma equipe transdisciplinar de universitários e profissionais de diversas áreas como Direito, História, Comunicação, Psicologia, Medicina, além de pessoas de fora do meio acadêmico. Sua proposta era produzir resistências e heterotopias para a cidade, mais especificamente com as populações em vulnerabilidade como hospitalizados, pessoas em sofrimento mental e em situação de rua. Conforme Foucault: “Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (FOUCAULT, 2013, p.24). Assim, ao fazer do médico um palhaço, da rua um consultório, do historiador um curandeiro, o Naris buscava atuar como um instrumento heterotópico de contestação de papéis sociais e espaços urbanos.

A principal frente de trabalho do Naris até 2016 era a Trupe da Procura, que utilizava a linguagem do teatro, sobretudo baseada na tradição da palhaçaria, em atividades diversas que visam à promoção de saúde e de cidadania, a exemplo do trabalho semanal de palhaçaria na enfermagem pediátrica do Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUIBB). Ao longo de seis anos de existência, o grupo ganhou quatro premiações⁷ e apresentou dois espetáculos de autoria própria⁸, além de participar do Auto do Círio em 2014. Em julho de 2013, o Naris passou a ser a sede da Universidade Popular de Arte e Ciência (UPAC) no Pará. Inspirada nas obras de Paulo Freire, a UPAC se descreve como uma universidade popular e reúne coletivos brasileiros em busca da partilha de saberes tradicionais e populares. “...nossa proposta educacional está calcada em uma visão de educação que toma a vivência como caminho e considera o saber-de-experiência-feito como ponto de partida, base da produção do conhecimento”⁹. Dentre os princípios que norteiam as atividades da UPAC estão: educação, vivência, experiência, afeto catalisador, biocentrismo, xamanismo, inconsciente coletivo, transcendência, liberdade, poesia e cultura popular¹⁰. Há sete anos, diversos coletivos brasileiros se reúnem anualmente no Instituto Municipal Nise da Silveira, na capital do Rio de Janeiro, também conhecido como Hotel e Spa da Loucura, para a realização do Congresso da UPAC, o Ocupa Nise.

A partir de 2014, outros contornos começam a ser delineados nas atividades artísticas promovidas pelo Naris com a construção de um consultório peripatético (ou dos brinquedos de saúde). O consultório peripatético é definido pelo grupo como um “laboratório público para a criação de uma ação cultural em saúde, um rito de cura através da expressão, da ciranda e da brincadeira”¹¹. Da mesma forma, os brinquedos de saúde são descritos como “experimentações na fronteira entre as práticas de Saúde e de Arte. São um gesto ancestral de cuidado”¹². Foi também em 2014 que o Naris começou a estabelecer parcerias com Movimento da Luta Antimanicomial (MLA), por meio do projeto República do Cuidado, e a promover encontros na Unidade Municipal de

⁷ Mário Quintana: sobre a inovação na saúde da Rede Unida; PROEX de Arte e Cultura 2011; Cidadão Orgulho do Pará, promovido pela Rede Brasil Amazônia de Comunicação (RBA) 2013; e a Comenda Municipal Gaspar Vianna de contribuição à ciência.

⁸ “Era uma vez um pássaro, meu Deus!” e “O Auto do Pré-Natal de Maria”

⁹ Retirado do site da UPAC. Disponível em: www.ocupanise.org.br/#/upac. Acesso em 20 de setembro de 2015.

¹⁰ Idem.

¹¹ Texto retirado da página da Trupe no Facebook, postado no dia 12 de julho de 2014. Disponível em: www.facebook.com/trupedaprocurapag?fref=ts. Acesso em 20 de setembro de 2015.

¹² Texto retirado da página da Trupe no Facebook, postado no dia 27 de julho de 2014. Disponível em: www.facebook.com/trupedaprocurapag?fref=ts. Acesso em 20 de setembro de 2015.

Acolhimento, vinculada ao Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPsAD) do Município de Belém. Outras parcerias relevantes foram estabelecidas, como com o Consultório na Rua¹³ e com o projeto Viramundo¹⁴, que hoje se tornou o coletivo por meio do qual grande parte dos antigos integrantes do Naris realizam diferentes iniciativas de intervenção urbana por meio da arte.

5. Descendo da Bike-Sonhos

Este passeio encerra-se com algumas conclusões propostas a partir do percurso metodológico traçado neste artigo. Ao pedalar por uma parte da história da bike-som La Ludibriosa, foi possível observar que a aquisição da Bike-Sonhos proporcionou diferentes formas de ocupação de espaços públicos, seja por meio de ensaios em praças; colaboração com iniciativas promovidas por movimentos sociais, como a marcha do Dia Nacional da Luta Antimanicomial; ou outras atividades que permitiram novas percepções da cidade a partir do corpo. A estética do corpo na cidade levou o grupo a descobrir novas linguagens. Ao estabelecer um “laboratório público”, o Naris buscou elementos populares para a realização de seus “rituais de cura” como a expressão, a ciranda e a brincadeira. Exemplos disso foram a promoção do Baile do Completo¹⁵ e a parceria na produção do jornal Verdade Rua e Crua¹⁶.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CASTRO, Fábio. **A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, vol. 48, no. 1, p. 52-60, jan./abr.

DUARTE, Jorge Barros. **Entrevista em profundidade**. In: _____; BARROS, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2008. p. 62-83.

DURÁN, María-Ángeles. **La ciudad compartida**. Santiago: Ediciones Sur, 2008.

¹³ Consultório na Rua (CnR) em Belém é a Estratégia de Saúde da Família (ESF) para essa população específica e, através da atenção à saúde geral e mental, assistência social e promoção à saúde, atua alinhado com os princípios da Atenção Primária em Saúde.

¹⁴ Viramundo é um coletivo de estudantes de Medicina que proporciona vivências clínicas em Medicina na Rua. A ideia é oferecer um serviço de saúde que leve em consideração as características culturais, sócio-econômicas e expressivas típicas da população amazônica. O projeto aborda o corpo por meio de uma perspectiva antropológica. Aborda-se a arte enquanto instrumento para linguagem na atenção e promoção à saúde, a partir da partilha de saberes com o Naris.

¹⁵ Trata-se de uma festa com música e distribuição de frutas para pessoas em situação de rua, feirantes e transeuntes.

¹⁶ Jornal elaborado por pessoas com vivência nas ruas ou em situação de rua.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo, N-1 Edições, 2013.

FREIRE, Paulo. **Ideologia e educação: reflexões sobre a não neutralidade da educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GOFFMAN, Erving. **A ordem da interação**. In: _____. Os momentos e seus homens. Textos escolhidos e apresentados por Yves Winkin. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1999.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LA ROCCA, Fabio. **A encenação do corpo e suas formas expressivas na cidade**. In: SIQUEIRA, Denise. (org.) A construção social das emoções. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

LIMA, Vitor Nina de. **Uma garrafada de arte e ciência: o Núcleo de Artes como Instrumento de Saúde, a Trupe da Procura e suas experiências na interface entre cultura e saúde em Belém do Pará**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau em Medicina - Instituto de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

MACIEL, Betania; NETO, Luis Gustavo. **FolkMídia, a comunicação do século XXI: um estudo sobre as bicicletas divulgadoras na Região Metropolitana de Recife**. Trabalho apresentado ao NP 17 – Folkcomunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **Ética da estética**. In: O mistério da Conjunção. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

MATRACA, M. V. C.; JORGE, T. C. A.; WIMMER, G. **Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria**. Ciência&Saúde Coletiva, v. 10, n. 16, 4127-4138,2011.

PASSOS, Bruno Ferreira dos. **O método Perypatético: Análise do aprendizado na relação médico-paciente na perspectiva do egresso/estudante do curso de Medicina participante do Núcleo de Artes e Imanências em Saúde- Naris**. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau em Medicina - Instituto de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, A. M. A.; VIEIRA, N. F. C. **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. Ver. Enferm UERJ. Rio de Janeiro. [on-line]. 2007 abr/jun; [citado 2010 out 15]; 15(2): 276-83. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva: 2008.

SCHUTZ, Alfred. **O mundo das relações sociais**. In: WAGNER, Helmut R. (Org.). Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. Sao Paulo: Atlas, 2008. p.51-61.

WUO, Ana Elvira. **O clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas**. Campinas, [s. n.]: 1999.